

GUIA DE ESTUDANTES, DOCENTES E TAs TRANSVESTIGÊNERES NA UFSCAR



**AUTORIA:
ANTONI GABRIEL MARTINS
VI SANTOS ALMEIDA**

**REVISÃO TÉCNICA:
SAADE**

M364g Martins, Antoni Gabriel.
Guia de estudantes, docentes e TAs transvestigêneres na UFSCar / Antoni Gabriel Martins, Vi Santos; revisão técnica de Thiago Loureiro, Natália Rejane Salim e Arthur de Bribean Guerra. – Documento eletrônico. – São Carlos: SAADE/UFSCar, 2025.

12 p.

Modo de acesso:

https://www.saade.ufscar.br/arquivos/cartilha_marco_final2.pdf.

Cartilha - Universidade Federal de São Carlos, Secretaria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade.

1. Transvestigêneres. 2. Transexualidade. 3. Transgeneridade. 4. Travestilidade. 5. Cisgeneridade. I. Título.

CDD – 305.9068 (20ª)

Ficha catalográfica elaborada na Biblioteca Comunitária da UFSCar
Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

INTRODUÇÃO

Esta cartilha foi elaborada a partir de relatos de vivências de estudantes trans no cotidiano da Universidade. Nela abordamos essencialmente o que é gênero - enquanto uma construção social e os debates atuais sobre o assunto -, as especificidades da transgeneridade e, por fim e mais importante, como identificar comportamentos transfóbicos e excludentes e como lidar com eles.

Você pode estar se perguntando sobre a palavra “transvestigênera” que consta no título e vai aparecer mais ao longo da cartilha. “Transvestigênera” é um termo cunhado em 2015 por Indianarae Siqueira e difundido por Erika Hilton, que passou a usar o termo em entrevistas. O termo é a somatória das palavras travesti, transexual e transgênera, criando uma palavra da nossa comunidade para a nossa comunidade que fosse mais abrangente.

Escolhemos usar o termo transvestigênera por entendermos que as vivências trans são múltiplas, sendo esse termo uma aposta para iniciarmos esse debate.

As mãos que construíram esta cartilha são de Antoni Gabriel Martins Nunes, discente de Licenciatura em Geografia na UFSCar-So, Vi Santos Almeida, docente substituta no curso de Licenciatura em Geografia na UFSCar-So e Thiago Loureiro e Natália Rejane Salim, coordenadores de Diversidade e Gênero da Secretaria Geral de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (SAADE) da UFSCar, e também de Arthur de Bribean Guerra, colaborador voluntário da SAADE.

Nossa expectativa é que o conteúdo desta cartilha contribua com o debate sobre a permanência de discentes trans na Universidade, especialmente no que se refere às vivências em espaços de convivência e nas salas de aula.

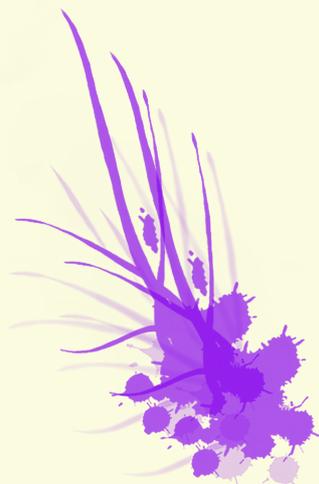
Boa leitura!

SOBRE GÊNERO

De acordo com uma abordagem transdisciplinar, gênero é uma criação da indústria médica estadunidense de meados do século XX. Segundo Paul Preciado (2018), o psicólogo infantil John Money utilizou gênero como uma categoria gramatical clínica e de diagnóstico para bebês intersexo. Assim, gênero engloba o olhar da biologia, que é socialmente construído, e o uso de tecnologias (hormônios, roupas, cirurgias, nome social) para forjar uma coerência para o que se supõe ser um corpo humano feminino ou masculino. Essa distinção passou desde então a ser utilizada pelas

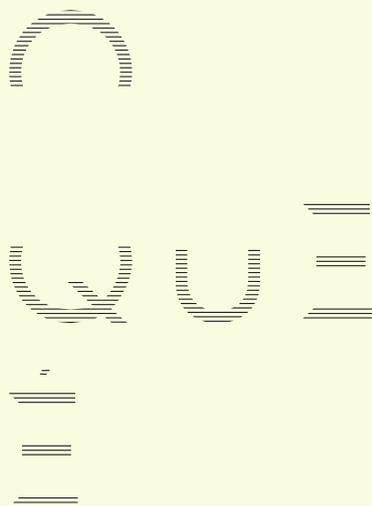
teorias feministas, a fim de destacar o caráter construído da identidade das mulheres. A premissa do gênero como uma tecnologia social é: “um indivíduo = um corpo saudável = um sexo = um gênero = uma sexualidade = uma propriedade privada” (PRECIADO, 2018, p. 110). Mas, ao mesmo tempo em que gênero é uma construção, ele também é uma possibilidade de re-desconstrução.

PRECIADO, Paul. Testo junkie. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1, 2018. Publicado pela primeira vez em espanhol em 2008.



Gênero é construído pelos instrumentos sociais de poder à medida que as crianças são educadas para se tornarem homens e mulheres, segundo os códigos vigentes, como diz Simone de Beauvoir em sua obra “O segundo sexo”, publicado em 1949. Mas esse controle sobre o corpo e o gênero começa antes mesmo do nascimento, com a pergunta “é menino ou menina?” e todo o planejamento familiar em torno da resposta. Esse gênero é atribuído a todas as pessoas no momento do nascimento, fazendo então com que a criação seja baseada em tal atribuição. Essas atribuições têm como base o sexo biológico na definição de gênero. Pessoas cisgênero são aquelas que se identificam com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento. Sendo assim, ser trans é quando não há conformidade com essa atribuição com base nesses fatores biológicos.

**TRAN-
VESTI-
GÊNE-
RE?
SIM!**



Ao reconhecer esta não conformidade com o sexo biológico, inicia-se então uma transição de gênero, que pode ou não envolver terapias hormonais e/ou processos cirúrgicos, mas está relacionada, sobretudo, com o questionamento e o rompimento das regras e padrões de gênero que cerceiam nossa existência.

As identidades trans são diversas e abarcam desde definições binárias, como homem trans e mulher trans, como a não-binaridade, gênero fluido, agênero e outras.

VOCÊ SABIA?

As identidades de gênero são asseguradas nacionalmente, bem como no âmbito da UFSCar. Quando você não respeita a identidade de gênero de uma pessoa trans - o seu desrespeito

pode caracterizar Transfobia (Artigo 20 da lei 7.716/1989 - com punição de reclusão de um a três anos e multa). - A Transfobia não cabe na UFSCar.



NÃO BINARIEDADE

Partindo da concepção de que gênero é um conjunto de performances que se repetem e se cristalizam com o tempo, e que ser trans é romper com esses códigos, normas e condutas (cisnormativos), é possível apreender: gênero não é algo estático, fixo ou estanque. Existe uma pluralidade de identidades abarcadas no “guarda-chuva” da transgeneridade, tanto binárias como não binárias. De uma maneira simplificada, pessoa não binária é alguém

que não se identifica completamente com o “gênero de nascença” nem com outro gênero, isto é, não se identifica com o espectro binário de gênero. Esta pessoa pode não se ver em nenhum dos papéis comuns associados aos homens e às mulheres (pessoa agênero), bem como pode vivenciar uma mistura de ambos (pessoa gênero fluido).

A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a abordagem de gênero e sexo biológico para além do binário.

PRONOMES

Presumir através de ideias pré-concebidas como uma pessoa deve se comportar, falar, se vestir e quais são seus pronomes é violência! Não existe uma personificação dos pronomes, é importante perguntar como as pessoas

querem ser tratadas para respeitar suas identidades. As pessoas são plurais, é normal que suas formas de se expressarem também sejam, inclusive com relação ao gênero.

Para evitar pré-julgar as pessoas transvestigêneres ou mesmo violentá-las, algumas perguntas e/ou comportamentos devem ser evitados:

- Não presumir o gênero ou pronome da pessoa. Perguntar quais pronomes utilizar ou esperar até que a pessoa use um pronome para dirigir a si mesma;
- Não presumir condições para ser uma pessoa trans, por exemplo, comportamentos e vestimentas. E evitar falas como “nossa, você nem parece trans” que além de presumir essas condições, na maioria das vezes, são estereótipos negativos e violentos.
- Não fazer comentários invasivos em relação à identidade de gênero, sexualidade, cirurgias, características físicas, como faz para utilizar o banheiro, nome civil (ou nome morto*) e como faz para ter relações sexuais. São perguntas invasivas.

* Nome morto é o nome pelo qual a pessoa transvestigênera era reconhecida antes da transição de gênero. É um nome com o qual nós não nos identificamos.

GÊNERO X SEXUALIDADE

Assim como o sexo biológico e gênero são coisas diferentes, o gênero e a sexualidade também se diferem entre si. Como visto, gênero está ligado à identidade da pessoa, à autopercepção, como ela se entende e se expressa socialmente, enquanto a sexualidade se relaciona, entre outros fatores, a quem a pessoa se atrai romântica e fisicamente.

NORMATIVAS

Em 2015, um ato normativo foi aprovado pela Secretaria de Direitos Humanos do Governo Federal e normatizou a adoção do nome social em instituições de ensino

No ano de 2016 foi aprovado o decreto N°8.727, de 28 de abril, dispôs sobre o reconhecimento das identidades transgênero.

Na UFSCar, o uso do nome social foi aprovado nas resoluções de 2014 e 2016, ConsUni n°780/2014 e n°861/2016, que resultaram, mais recentemente, na Resolução n° 8/2024 - a Política de Identidade de Gênero na UFSCar.

Na educação, o respeito às pessoas trans é de extrema importância. Instituições de ensino devem ser ambientes seguros e acolhedores. As pessoas educadoras têm um papel fundamental na promoção do reconhecimento, respeito e valorização das diversidades.

COMO SABER A FORMA DE TRATAR A OUTRA PESSOA?

Ninguém tem a obrigação de saber como outra pessoa quer ser tratada, da mesma forma que ninguém tem o direito de tratar alguém a partir de uma ideia preconcebida. Ainda, nenhuma pessoa trans tem o dever de sair dizendo seus pronomes de tratamento ou escrevê-los em seu rosto para serem respeitados.

Sabendo disso e tendo consciência de que a linguagem genérica na língua portuguesa utiliza o gênero masculino (pois o entende como universal), cabe a cada pessoa ter sensibilidade no tratamento com as outras.

Quando eu me apresento para uma ou mais pessoas, posso dizer a forma como quero ser tratada. Ex.: Boa noite! Meu nome é Céu, meus pronomes são ela/dela.

Ei, docentes, no primeiro dia de aula, vocês podem criar um ambiente seguro e acolhedor para discentes transgêneros com simples gestos:

1. Verificar se o nome social de discentes transgêneros estão na lista de chamada, para que não seja mencionado o nome de registro civil (nome morto). Ex.: “Caso tenha discentes transgêneros que não tenham o nome social inserido na lista de chamada, podem me informar após a aula e faremos a correção”.
2. Quando houver dúvida se chamar alguém de ele ou ela, existem algumas opções: perguntar (Ex.: quais os seus pronomes?); usar uma linguagem neutra (Ex.: pronome de tratamento = elu, artigo definido = e, terminação de adjetivos em = e).

Caso usar uma linguagem neutra seja muito, muito, muito difícil para você, uma alternativa é usar uma linguagem genérica (Ex.: “O ponto que Céu trouxe para o debate é relevante”, veja que não foi usado artigo definido; “O ponto que essa pessoa levantou é importante a discussão”, veja que “pessoa” é uma palavra genérica e não está flexionada no masculino-universal).

As dicas acima servem para diversas outras situações cotidianas.

MAS E SE EU ERRAR O PRONOME DE ALGUÉM? OU SE EU MENCIONAR SEU NOME MORTO? É simples: peça desculpas e corrija sua fala. Errar uma vez pode ser compreensível, persistir no erro é uma demonstração de desrespeito.

E SE, AO ERRAR O PRONOME, A PESSOA ME CORRIGIR, COMO DEVO REAGIR? Como um ser humano com bom senso: peça desculpa e corrija sua fala.

O QUE NÃO FAZER:

1. não tratar alguém com pronomes ou nome errado de forma contínua;
2. não reagir negativamente se essa pessoa te corrigir (ela não tem a obrigação de ser violentada calada).

E lembre-se: pessoas trans não são obrigadas a educar as pessoas à sua volta. Faça autorreflexão e ajuste suas atitudes para um convívio social saudável!

PARA SABER COMO ALTERAR O NOME OU INSERIR O NOME SOCIAL NA UFSCAR, ACESSE:

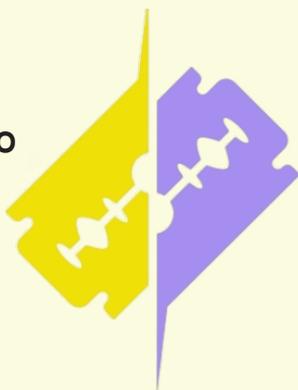
[HTTPS://WWW.SAADE.UFSCAR.BR/COORDENADORIAS/
GENERO-E-DIVERSIDADE/NOME-SOCIAL](https://www.saade.ufscar.br/COORDENADORIAS/GENERO-E-DIVERSIDADE/NOME-SOCIAL)

Conheça:

Coletivo Mandala
(@coletivomandala)



Coletivo Navalha Debaixo
da Língua
(@coletivonavalha_)



Coletivo Navalha
Debaixo da Língua

SAADE - Secretaria Geral
de Ações Afirmativas,
Diversidade e Equidade
(www.saade.ufscar.br)



Secretaria Geral de
Ações Afirmativas,
Diversidade e Equidade



